

gido pelas instituições; para a análise, recorre-se ao tratado *Ad princ. ind.* e à *Or. III* de Díon de Prusa.

Em conclusão, este volume revela uma coerência temática digna de ser assinalada, sobretudo se tivermos em conta a sua abrangência temática e mesmo textual. Elogiamos a opção por reunir a bibliografia completa do volume no final, de fácil consulta, além de dois índices, um de matérias e outro de referências de obras clássicas. Ainda que se possam encontrar algumas repetições entre estudos, nomeadamente sobre os conceitos de espaço, passado e presente ou de características da Segunda Sofística, parece-nos que, em geral, se apontam reflexões interessantes sobre a técnica narrativa e o pensamento de Plutarco.

Cristina Pimentel e Paula Morão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa; V. N. de Famalicão: Centro de Estudos Clássicos (FLUL); Edições Húmus, 2019, 608 pp.; ISBN: 978-972-9376-52-8; 978-989-755-433-9.

EMÍLIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA³ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

O volume em epígrafe, o quarto da série de livros, reúne os textos apresentados no “IV Colóquio Internacional *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura*”, que teve lugar na Faculdade de Letras de Lisboa, nos dias 4, 5 e 6 de dezembro de 2017. Organizado pelo Centro de Estudos Clássicos, o encontro científico teve por objetivo promover o estudo da permanência das matrizes clássicas, grega e romana, nas literaturas em língua portuguesa. A publicação do volume em apreço, cuja coordenação científica ficou, uma vez mais, a cargo das Professoras Doutoradas Cristina Pimentel e Paula Morão, veio tornar acessível ao leitor uma série de ensaios que, como enfatizam as coordenadoras num breve Prefácio, “mostram à evidência que as relações com mitos, temas e motivos, textos e modos herdados dos clássicos são pertinentes e estimulam os investigadores capazes de cruzar referências” (p. 9). Tendo coincidido com a

³ emilia.oliveira@ua.pt. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

preparação deste volume o desaparecimento da saudosa Professora Doutora Ofélia Paiva Monteiro, deliberaram as coordenadoras da coletânea que os ensaios reunidos fossem uma “singela homenagem ao seu muito saber, à sua vida de entrega à investigação em literatura portuguesa, ao seu entusiasmo científico e humano também traduzido no apoio que, desde a primeira hora, manifestou a este projecto de leitura dos clássicos nos autores de expressão portuguesa” (p. 10).

Esta compilação integra 43 ensaios de indiscutível rigor científico sobre o diálogo entre as matrizes clássicas e a obra de um conjunto considerável de escritores de expressão portuguesa. A estes textos críticos, que quase sempre são apresentados pela ordem cronológica dos autores cuja produção literária é objeto da análise, seguem-se o valioso e emotivo testemunho da escritora portuguesa Adília Lopes e, a encerrar o volume, a transcrição de um poema da autoria de Luís Quintais, distinguido em junho de 2017 com o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores.

Nos primeiros ensaios aborda-se a influência e a receção de matrizes da Antiguidade Clássica na poética do *Cancioneiro* de Garcia de Resende (“Dido/João: tradução e identidade na corte manuelina”, por Ana Maria S. Tarrío (pp. 13-23), na obra de Gil Vicente (“Gil Vicente em modo de resistência”, por José Augusto Cardoso Bernardes, pp. 25-38), na épica camoniana, (““Figuras todas que aparecem”: sobre a composição de personagens n’*Os Lusíadas*”, por Carlos Reis, pp. 39-57, e “*De longe a ilha viram, fresca e bela. As Metamorfoses* de Ovídio e a descrição da Ilha dos Amores”, por Maria Luísa Resende, pp. 59-66), no poema heroico *Sucesso do Segundo Cerco de Diu* de Jerónimo Corte Real, do século XVI (Jerónimo Corte Real: Um Clássico no Esquecimento, por Luís Miguel F. Henriques, pp. 67-78), na epistolografia do Padre Anchieta (“Preceptiva y práctica epistolar em cartas de Joseph de Anchieta”, por Trinidad Arcos Pereira, pp. 79-90), na obra de Fernão Mendes Pinto (“A retórica da ironia na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto”, por T. F. Earle, pp. 91-100), em duas obras de literatura política do século XVII, *Marte Português* de João Salgado de Araújo e *Lusitania Liberata* de António de Sousa Macedo (“Menelau minhoto: os Clássicos e a individualização política de Portugal no período da Restauração”, por André Simões Rodrigues, pp. 101-110), na única obra original do dramaturgo português do século XVIII, António

José de Paula (“Virgínia — o episódio romano pela mão de António José de Paula”, por Marta Brites Rosa, p. 111-137) e na epopeia neoclássica sobre a Guerra Guaranítica publicada pelo mineiro brasileiro José Basílio da Gama, em 1769 (“*Império ilimitado*: Uma consideração dos elementos virgilianos e lucanos n’O *Uruguai* de José Basílio da Gama”, por Adriana Vasquez, pp. 127-137).

No que respeita ao século XIX, suscitaram o interesse do ensaísta Francisco Garcia Jurado os manuais escolares pelos quais se ensinavam em Portugal as línguas e literaturas clássicas: “La enseñanza de la literatura clásica em los manuales portugueses del siglo XIX: una doble historia” (pp. 139-164). Já no ensaio “Los clásicos em la *Historia de Galicia* de Verey y Aguilar (1838)”, analisa-se o tratamento de autores clássicos como Estrabão ou Plínio, na obra do historiador de Santiago de Compostela (pp. 165-178).

Os séculos XVIII e XIX surgem ainda representados por ensaios que enquadram e exploram aspetos das obras de Almeida Garrett (“Almeida Garrett, familiar com Virgílio”, por Ricardo Nobre, pp. 179-192), Camilo Castelo Branco (““Não sabem latim!”: a disputa pela *auctoritas* da Antiguidade clássica num texto do jovem Camilo Castelo Branco”, por Maria José Ferreira Lopes, pp. 193-205; “A tradição clássica em *A Sereia* de Camilo à luz da Crítica Literária e da Crítica Textual”, por Marta Louro Cruz, 207-220; “Filtros clássicos para *A Corja*”, por Ana Paula Pinto, pp. 221-235) e Teixeira de Queiroz (“Referências Clássicas em *A Grande Quimera* de Teixeira de Queiroz”, por Ana Lúcia Curado e Patrícia Gomes Leal, pp. 237-249), ou que se debruçam sobre a figura do historiador Oliveira Martins e o modo como este utiliza *exempla* de representação material tomados de fontes clássicas no seu discurso político-moral (“A cultura material como representação da moral na *História da República Romana* de Oliveira Martins”, por João Paulo Simões Valério, pp. 251-265).

Quanto ao século XX e começos do nosso século, são vários os textos dedicados à pervivência de *topoi*, mitos e recursos de composição herdados da Antiguidade Clássica nas literaturas portuguesa e brasileira. Leia-se, por exemplo, o ensaio de José Cândido de Oliveira Martins, “Ecos da teoria literária clássica em alguns autores portugueses contemporâneos” (pp. 483-499), em que são mencionados escritores que se destacaram na prosa ficcional, como Vergílio Ferreira e Mário de Carvalho, e diversos poetas contempo-

râneos, como Torga, Sophia, Sena, Alegre, Graça Moura, Silva Carvalho, Hélia Correia, Daniel Jonas, Alberto Pimenta ou ainda Nuno Júdice.

Outros ensaios exploram sob ângulos diversos a poesia de Irene Lisboa (“Afrodite no Labirinto — Ecos clássicos em poemas de Irene Lisboa”, por Sara Maria Barbosa, pp. 279-291), Jorge de Sena (“Sena dirige-se aos clássicos: os poemas camonianos de Jorge de Sena”, por Joana Martins, pp. 347-357), Sophia (“Uma aproximação peculiar do mundo clássico na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen”, por Andrés Pociña, pp. 369-382), Saramago (“José Saramago y los materiales heredados: la Tradición Clásica en *Os poemas possíveis*”, por Gregorio Rodríguez Herrera, pp. 395-416), Manuel Alegre (“Motivos clássicos em *Bairro ocidental* de Manuel Alegre”, por José Ribeiro Ferreira, pp. 429-439), Silva Carvalho (“Armando Silva Carvalho — A galinha grega e outras aves de versos”, por Paula Morão, pp. 453-469) e José Tolentino Mendonça (“O regresso a Eurípides em *Perdoar Helena* (2003)”, de José Tolentino Mendonça, por Maria Fernanda Brasete, pp. 585-597), bem como de Vinicius de Moraes (“Fuentes e influencia de Orpheu da Conceição de Vinicius de Moraes”, por Ramiro González Delgado, pp. 303-320), Drummond de Andrade (““Mundo em trevas”: o apelo a Orfeu em “Canto órfico” de Carlos Drummond de Andrade”, por Ivone Daré Rabello, pp. 293-302), ou Carlos Alberto Nunes (em vez de Antunes, cf. título, pp. 7 e 383) em “A Brasilidade nos Símbolos de Carlos Alberto Nunes: o caso d’*Os Brasileidas*”, de Helena Gervásio Coutinho (pp. 383-393).

Na área da ficção contemporânea, encontramos as abordagens de Saramago (“A figura da morte em *As intermitências da morte* de José Saramago”, por Gabriela Silva, pp. 417-427), Natália Correia (“As duas faces da feiticeira em *A Ilha de Circe* de Natália Correia”, por Robin Driver, pp. 359-368), Gonçalo M. Tavares, Hélia Correia e María Zambrano (“Percursos trágicos do homem contemporâneo em Gonçalo M. Tavares”, por Lígia Bernardino, pp. 501-511; “Os mitos de Antígona e de Alceste nas obras de Hélia Correia e Gonçalo M. Tavares: exercícios sobre a condição feminina”, pp. 537-547; “Cosido de Retales Míticos: El Teatro de María Zambrano y Hélia Correia”, por Aurora López, pp. 549-562), António Vieira e Pedro Reis (“*O Regresso de Penélope* da Antiguidade à Hipermodernidade”, por Ana Isabel Correia Martins, pp. 563-573; “(Re)criações de Penélope em *O Regresso de Penélope* de António Vieira e

Cuidado com as Mulheres de Pedro Reis”, por Isabel Santos, pp. 575-583), às quais se acrescenta um estudo sobre Lygia Fagundes Telles (“Sob a Máscara Dionísia: O Trágico no Conto “O Jardim Selvagem”, de Lygia Fagundes Telles”, por Ana Lara Vontobel e Kelio Junior Santana Borges, pp. 525-536).

Este volume congrega ainda ensaios que investigam a presença e a apropriação de mitemas clássicos na composição de obras contemporâneas (como “O mito das Moiras em *O tempo e o vento* e *O arquipélago da insónia*”, por Tatiana Prevedello, pp. 471-481), ora destinadas ao público infanto-juvenil (“Una peculiar adaptación de los mitos clásicos en el *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato”, por María Elena Curbelo Tavío, pp. 267-278), ora marcadamente influenciadas pela tragédia grega (“Una revisión de dos Medeas americanas de los años cincuenta a partir de *Além do Rio* de Agostinho Olavo”, por Francisco Bravo de Laguna Romero, pp. 321-334; “Elementos clássicos na Tragédia 1826 de Ivo Bender”, por Ana Lara Vontobel Fonseca e Luana Uchôa Torres, pp. 441-451; “Refigurações mitográficas: Electra no teatro cubano e português recente”, por Tobias Brandenberger, pp. 513-523) ou pela comédia latina (“Entre Roma e o Nordeste: os seres divinos em *Aululária* de Plauto e *O Santo e a Porca* de Suassuna”, por Sônia Aparecida dos Santos, pp. 335-345).

No final de cada ensaio, surgem as muito úteis referências bibliográficas. Salientamos, no entanto, que não seria de menor utilidade para o leitor a inclusão, no final do livro, de um índice remissivo dos autores e das fontes citadas.

Encerram o volume os Testemunhos de dois reconhecidamente talentosos poetas portugueses contemporâneos. Adília Lopes (pp. 601-604) evoca os tempos de juventude em que, depois de abandonar o curso de Física na Faculdade de Ciências de Lisboa, enveredou pelo estudo das Românicas, para reconhecer que “foi a estudar Latim, que nunca tinha estudado, e a reler ou a ler os clássicos portugueses” que começou a escrever poemas. A autora reconhece que a tradução de excertos de Virgílio e Tito Lívio nas aulas do Professor António Vieira a inspirou e lhe permitiu “perceber como aqueles textos são bonitos, e são bonitos em Latim, no original”. Recorda ainda Maria Isabel Rebelo Gonçalves e Arnaldo do Espírito Santo como “dois professores de Latim maravilhosos, exigentes e benevolentes”, cujo magistério foi deci-

sivo para que continuasse “a gostar de estudar Latim” e a escrever os seus poemas. Refere que “antes de começar a estudar Latim, a Antiguidade Clássica não [a] atraía muito”, por ignorância, mas que hoje, apesar de continuar “a saber muito pouco de tudo”, gosta de aprender sobre o mundo antigo. Conta que ficou “com vontade de ler o *Timeu*” quando estudava Física, graças à leitura de “um livro de Heisenberg chamado *A natureza na Física contemporânea*”, em especial, do “capítulo intitulado “Os átomos e a cultura humanista”, em que aquele físico refere que leu o diálogo de Platão “nos telhados do liceu em 1919.” Adília Lopes evoca também o fascínio exercido por um quadro de Poussin. Apesar de nunca ter conseguido identificar o episódio mitológico retratado, a autora afirma que ver uma cópia da tela “foi a alavanca que fez com que (...) escrevesse em 1985 (...) o livro de poemas *O poeta de Pondichéry*.” Por fim, explica por que se sente “mais próxima de Álcman e de Catulo que de Rimboud e de Baudelaire”. Acredita que a brevidade, concisão e acutilância que procura imprimir nos seus escritos a aproximam dos epigramas de Catulo, ao mesmo tempo que confessa que o poeta do qual se sente mais próxima é Álcman. Depois de citar as traduções de uns quantos poemas de Maria Helena da Rocha Pereira, Frederico Lourenço e Sophia de Mello Breyner Andresen, a escritora, que não estudou Grego, encerra o seu emotivo testemunho com a citação do Nocturno de Álcman, “o poema mais bonito” que conhece e que a inspira a querer “continuar a escrever e a viver”.

De natureza diversa é o testemunho de Luís Quintais. Com o poema “Jogo profundo, *Comentário a Jean Giono*” (p. 605), recuperando o tema da guerra de Tróia, o poeta luso apresenta uma reflexão amarga e pessimista sobre o destino da Humanidade, ao mesmo tempo que homenageia o pacifismo do autor de *O homem que plantava árvores*, representante do *Mouvement du Contadour*, que se notabilizou pela condenação da natureza bélica da civilização moderna.

Em suma, este livro, reunindo um vasto número de contributos de diversa proveniência, presenteia o leitor com uma ampla e profunda investigação no âmbito da receção da Antiguidade Greco-Latina, afirmando-se, desse modo, como um instrumento valioso para o conhecimento e a compreensão da pervivência dos clássicos nas diversas literaturas de expressão portuguesa.